

NARRATIVA E A HISTÓRIA DO PRESENTE:

A Experiência dos Caras-pintadas

Marcus Swell Brandão Menezes

Graduado do Curso de Licenciatura em História/UFAL

Professor de História das Redes Pública e Privada de Ensino de MaceióAL

Esse texto é fruto da minha vivência histórica. Era o ano de 1992, eu estudava no Colégio Guido de Fontgalland, em Maceió. Cursava então, o 3º ano do Ensino Médio. Participei das manifestações populares pró-*impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello. Refleti: estou vivendo um fato histórico. É como se estivesse dentro dele. Então, pensei: como escrever tudo isso? Em que me fundamentarei para relatar tais coisas? Ou seja, como historiar esta experiência?

Para responder estas questões, enveredei numa reflexão sobre as definições Ego-história, da História Oral e da chamada História do Presente. Portanto, discutirei e descreverei estas conceituações da História, para depois continuar as minhas narrativas. Então o que é a Ego-história? Não se trata de uma autobiografia pretensamente literária, nem de uma profissão de fé abstrata, nem de uma tentativa de psicanálise. O que está em causa é explicar a sua própria história como se fosse a de outrem, tentar aplicar a si próprio, seguindo o estilo e os métodos que cada um escolheu, o olhar frio, englobante e explicativo que tantas vezes se lançou sobre os outros. Em resumo, tornar clara, como historiador, a ligação existente entre a história que cada um fez e a história de que cada um é produto.

E o que venha ser a História Oral? Na verdade trata-se de um método da pesquisa histórica, que consisti na busca da descrição dos acontecimentos vividos a partir da memória, já que a premissa da história é a memória. A memória não é um simples lembrar [que ocorre espontaneamente] ou recordar [que é um trabalho deliberado da consciência], mas revela uma das formas fundamentais da nossa existência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado¹. Segundo Thompson nas primeiras linhas de *The Voice of the Past*, “*Toda história depende finalmente de seu propósito social*”², e a História Oral é a que melhor reconstrói os particulares triviais das vidas das pessoas comuns para aqueles que desejam realizar isso. A força da História Oral é a força de qualquer história metodologicamente competente³.

A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional (...). A memória é operação ideológica, processo psicossocial de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o

universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz⁴. A memória-recordação registra sob a forma de imagens-lembranças, todos acontecimentos de nossa vida cotidiana, à medida que eles se desenrolam, sem negligenciar nenhum pormenor, ao contrário, deixando a cada fato, cada gesto, seu lugar e sua data. Essa seria a memória verdadeira, que recupera o próprio passado, sob formas de imagens, é necessário, todavia, abstrair-se da ação presente, é preciso atribuir valor ao inútil, é preciso querer sonhar⁵

A historiografia do tempo presente ao abordar eventos de grande abrangência precisa também auscultar o que dizem os depoimentos orais, mesmo porque esta consciência de que somente os documentos escritos não são suficientes⁶ Segundo Ferreira Gullar, a história não se desenrola apenas nos campos de batalha e nem tão pouco nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais (...) nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios (...) nos namoros de esquinas⁷

Frequentar a história do tempo presente talvez seja uma boa preparação, o meio mais seguro de nos resguardarmos da tentação que sempre nos espreita de introduzir no relato do passado uma racionalidade que não podia estar lá. A operação indispensável de tornar inteligível não se deve exercer-se em detrimento da complexidade, das situações e da ambivalência dos comportamentos. A história do tempo presente é um bom remédio contra a racionalização a *posteriori*, contra as ilusões de ótica que à distância e o afastamento podem gerar⁸

Ainda segundo Hobsbawm, em sua autobiografia intitulada *Tempos Interessantes, Uma vida no século XX*, o mesmo diz: “Quem escreve autobiografias precisa também ler autobiografias”. (...) ⁹ “Quem escreve e se comunica em função da profissão costuma relaciona-se com quem exerce atividades semelhantes”. (...) “A autobiografia de um historiador é também, em outro sentido, parte importante da construção de seu trabalho. Além da crença na razão e na diferença entre fato e ficção, a autoconsciência – isto é, estar ao mesmo tempo em sua própria pele e fora dela – é uma habilidade necessária aos que militam na história” (...) ¹⁰. (...) “Escrever a autobiografia significa pensar em si próprio como nunca antes”¹¹

Então, delineadas estas definições, passo agora a descrever as lembranças de minha memória. Como já disse, era o ano de 1992, as denúncias do irmão de Collor, Pedro Collor, tomaram conta do noticiário nacional. Em entrevista a revista *Veja*, Pedro Collor revelou as ações ilícitas e corruptas de PC Farias, que, segundo ele, havia criado um esquema pelo qual arrecadou milhões de dólares. Revelou, ainda, que PC mantinha estreitas relações com Collor, que o usava

“*como instrumento para a realização de negócios escusos, corrupção e assalto ao dinheiro público*”.

A entrevista estremeceu a sociedade. Era preciso que a verdade viesse a tona e, para tanto, depois de algumas tentativas de boicote pelo grupo do governo, foi instaurada a CPI, que constatou a veracidade das acusações, embora Collor procurasse negá-las. Em junho de 1992, a revista *Isto É* publicou uma entrevista de Francisco Eriberto, ex-motorista da secretária do presidente, que a acusou de pagar as despesas da residência particular de Collor com dinheiro depositado em sua conta por PC. Na tentativa de justificar a origem do dinheiro, membros do governo afirmaram que ele era proveniente de um empréstimo de 3,73 milhões contraídos de doleiros uruguaios. Provou-se de imediato que a justificativa era uma farsa.

Iniciou-se assim um movimento pelo *impeachment* de Collor, que ganhou vitalidade com a participação da sociedade civil organizada, principalmente com a participação dos estudantes, os caras-pintadas, que saíram as ruas em passeatas por várias cidades. Na Rede Globo de televisão, era exibido a minissérie *Anos Rebeldes*, onde enfocava o período da Ditadura e participação de estudantes nas manifestações e nas ações contra o regime militar.

Em Maceió, a UESA, a UJS, os partidos de esquerdas, os sindicatos de vários setores, conclamaram a participação da população. Lembro-me, quando o trio elétrico passando pelas portas das escolas, convocava os estudantes, a fazerem parte das manifestações. Saí com meus colegas e fui ao encontro do chamado. Descemos a ladeira ao lado da Catedral, atrás do trio elétrico. O ponto de concentração era a Praça D. Pedro II. Começamos a andar pela rua João Pessoa, onde várias pessoas empunhando bandeiras e faixas ecoavam palavras de ordem: *Collor, Collor, entreguista, vigarista e traidor...*

Chegando na praça dos Martírios, próximo ao Palácio do Governo, novas palavras de ordem eram ecoadas: *GB, GB, o próximo é você...* (em relação ao governador do Estado, Geraldo Bulhões). O Pelotão da Polícia Militar acompanhava a multidão. Vários jornalistas documentavam o episódio. As pessoas que não acompanhavam a passeata olhavam admiradas para o movimento. Ao som das músicas *Alegria, Alegria* e *Pra não dizer que não falei das flores*, as pessoas cantavam e ecoavam mais palavras de ordem: *Collor vai ganhar uma passagem pra sair desse lugar, não é de carro, não é de trem nem de avião, é algemado, no camburão, eta Collor ladrão... É ou não é, piada de salão, o chefe da quadrilha é o chefe da nação...* Quando a multidão passou próxima a sede do antigo Produbam, papéis repicados eram jogados das janelas pelos funcionários, em sinal de

apoio aos manifestantes. O ponto final das passeatas, era a Praça dos Palmares, onde fora proferido vários discursos *pró-impeachment*.

Durante os discursos, houve um início de tumulto provocado pela PM, quando um pedreiro que trabalhava na reforma do prédio do INSS, deixou cair no carro de patrulha, um pouco de massa de construção. Um soldado exigiu espancando o trabalhador, que o mesmo limpasse. As pessoas viram e começaram a vaiar o soldado. Foi aí que a multidão quase entrou em choque com os PMs. Para evitar o confronto, lembro-me perfeitamente que eu, alguns sindicalistas, políticos e estudantes formamos um cordão de isolamento.

Segundo o depoimento do professor Marcus Ricardo, professor das redes pública municipal e estadual de ensino, o mesmo diz:

Tinha 21 anos de idade e estava cursando Psicologia no Centro de Estudos Superiores de Maceió (CESMAC). Era membro do Centro Acadêmico e cheguei a participar das reuniões que preparavam os atos públicos e redigiam os panfletos para a mobilização. Nas reuniões preparatórias, percebia o esforço que certos representantes de entidades tipo, OAB e CUT faziam para que “apenas” Collor fosse responsabilizado pela corrupção. Também se preocupavam em manter os protestos dentro da “ordem” e do “estado de direito”. Na época, defendi a convocação de eleições gerias e que não só Collor, mas também seu vice Itamar Franco sofresse *impeachment*”.

Ainda segundo minha amiga de infância e na época estudante secundarista do Colégio Cenequista Cripiniano Portal, Cláudia Silva de Almeida, a mesma diz:

Em 1992, vive um fato histórico, o *impeachment* de Collor. Nesta época eu estudava em um colégio cenequista, pois tive que sair da escola pública estadual, por causa das constantes greves que se arrastara desde quando Collor era governador. Poucas pessoas tinham condições financeiras de colocar seus filhos em escolas particulares. Muitas esperaram por vários meses para que as aulas voltassem ao normal. Neste período, acompanhei quando o Congresso Nacional e a sociedade civil, organizada, se juntaram para arrancar problema do poder. Junto com o povo de Maceió, fomos às ruas, fizemos passeatas manifestações e

paradas, em várias destas manifestações, o povo se vestiu de preto, ao contrário do que esperava Collor, em sinal de protesto contra o esquema de corrupção montando junto com PC.

No outro dia, mais uma manifestação percorreu pelas mesmas ruas até chegar a praça Montepio, onde foi instalado um telão para acompanhar a votação no Congresso Nacional do *impeachment* de Collor. Quando a votação começou, todos ficaram eufóricos com cada voto dado em favor do *impeachment*. Mais tarde em casa, acompanhei pelos telejornais, o resumo do dia da votação. O último telejornal, o Jornal da Globo, exibiu no final da edição, as manifestações populares de várias cidades do país, ao som do Hino Nacional, solado por uma guitarra.

O balanço geral que faço desses acontecimentos, é que mais uma vez, o povo brasileiro demonstrou mesmo com influência da mídia, que é capaz de virar a página da história desse país. Eu apenas fui um dos milhares de protagonistas anônimos deste acontecimento. A partir destas minhas narrativas, espero contribuir para que outras produções apareçam.

NOTAS

¹ CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995: 130.

² BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1990: 192.

³ BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1990, 194.

⁴ MENEZES, Ulpiano Bezerra de. *A História Cativeira? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais*. In **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34. São Paulo, 1992: 22.

⁵ PESSANHA, José Américo Motta. **Bergson: Vida e Obra**. São Paulo: Nova Cultural, 1989. Coleção Os Pensadores.

⁶ JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Barbárie, Ensino e Historiografia*. In *Saeculum – revista de história* – nº: 6/7 – Jan. /Dez. /2000/2001 – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002.

⁷ VIEIRA, PEIXOTO & KHOURY, Maria do Pilar de Araújo, Maria do Rosário da Cunha & Yara Maria Aun. *A pesquisa em História*. São Paulo, Ática, 1989.

⁸ THOMPSON Paul. “Récits de vie et changement social”. **Cahiers Internationaux de Sociologie**. V.LXIX, 1980, p. 154.

⁹ HOBBSAWM, Eric. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002: 9.

¹⁰ HOBBSAWM, Eric. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002: 12

¹¹ HOBBSAWM, Eric. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002: 73.